Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 817

10 DE SETEMBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

VALENTIM MAGALHÃES

Armado d'um temperamento combativo, Valentim Magalhães rompeu com algaradas de talento pelo meio das indifferenças boçaes da sua terra, tão avêssa como a nossa ás culturas efflorescentes do espirito. Estava ainda sentado nos bancos das escolas, e já a fera publicidade o chamava para o campo aberto das luctas intellectuaes. Então, foi um revolucionario, que cantou o Futuro e esmurrou a Ordem; mas, se houvesse algum perigo no alôr das suas idéas, lá vinha logo a suavisal-o a belleza das suas rimas...

Entrado na vida, ao depois, o rijo poeta escrivou as suas illusões pela grossa joeira da Realidade. Não perdeu, certamente, o gosto pelas nobres propagandas humanitarias, que desde a origem correspondia á generosidade essencial do seu caracter. Mas, á face do comesinho espectaculo da organisação social, cujo machinismo se lhe apresentava hermeticamente refractario e surdo a todas as sonoridades das lyras d'aço ou de crystal, Valentim Magalhães comprehendeu que a poesia tem de ser uma especie de religião intima da intelligencia. E, guardando para as horas de recolhimento a consolação suprema dos seus versos, tratou d'installar-se diante da sociedade como um critico, com uma boa flôr vermelha de riso a humorar-lhe a prosa batalhante.

Os seus artigos, multiplicados por activos orgãos da imprensa brasileira, faziam constantemente aos ouvidos rebeldes do publico o estrepito d'um tiroteio vivacissimo. Nos jornaes do Rio de Janeiro, principalmente, fartou-se elle de tracejar calemburescas *Notas á margem*, cuja toada ligeira ou mordaz d'escarneo e de fantasia se demudava, uma vez por outra, em assomos guerrilheiros de polemica. Cheio de petulancia e de razão, o brilhante chronista queria soberbamente que todos os senhores da cidade e do sertão longinquo escutassem as suas cóleras ou, mesmo, gabassem com elle os amôres da sua mocidade viçosa, procurando arrastar os brutos atraz d'aquella voz d'encanto, como se diz que aconteceu ao magico Orpheu das lendas que já não encontram credito!

Ora, na pelle d'este mosqueteiro desempenado existiu sempre um artista. Rapida e expansivamente, as suas faculdades admiraveis d'escriptor desenvolveram-se, equilibraram-se, e completaram-se, aos vôos, com a febre de producção revolta que o agitava e depressa o pôz a laborar em todas as modulações da fecundidade litteraria, quer fossem pequenos trechos d'improvisação amoldada a factos occorrentes, ou rasgos d'absoluta creação, quer fossem ensaios meramente d'assimilação curiosa. Assim refregado e martelado sem folga, o seu estylo foi-se desembaraçando d'alguns residuos excessivos de classicismo, que o turbavam ao principio, adquiriu flexibilidade e côr, e tornou-se amplo, claro, bem pessoal, com toques energicos de renôvo, sem perder um certo cunho erudito.

Foi por esses tempos, — tão distantes já, que podem ser aqui avocados, logicamente, para explicarem as pobres messes geosas das nossas cabeças, — foi por esses tempos d'enthusiasmo que Valentim Magalhães publicou um exaltado e pittoresco elogio de Camillo Castello Branco, como que a contrariar ironicamente uma encapotada corrente de hostilidade, confluida d'inveja e de medo, com que os imbecis ajuramentados d'áquem e d'além mar pretendiam escarafunchar os calcanhares do Mestre sem egual. Tendo á mão a gazeta fluminense, onde veiu estampado esse escripto bravo e jocundo, que afagava até ao amago a minha devoção invulneravel pela obra de Camillo, proporcionei-me sem demora o encargo de communical-a ao glorioso refugiado de S. Miguel de Seide. E tive a satisfação legitima de vêr o grande romancista sinceramente desvanecido com aquelle afloramento de posteridade, que lhe chegava do mundo novo, na homenagem do seu joven panegyrista...

— E' de notar a espirituosa habilidade, com que o Valentim Magalhães desce da celebração do meu genio á esthesia da minha tenia! — me dizia Camillo Castello Branco, n'uma carta que conservo preciosamente arrecadada, e por isso a cito de memoria n'este momento. E accrescentava logo que elle tem o raro dom da graça

Decorreram, pois, os annos velozes. Para demarcar proveitosamente o longo percurso andado, Valentim Magalhães seleccionou com apurado criterio os seus trabalhos d'importancia mestra, disseminados ao sabôr do acaso, e agrupou-os successivamente em volumes de divergentes indoles. A esta hora elle desfia, com o prestigio da sua auctoridade assente sobre os estorvos derrubados, o rosario numeroso e illustre dos seus livros. São obras de combate, como os *Cantos e Lutas;* são obras d'arte saborosas, como os *Vinte Contos*, o largo romance da *Flôr de Sangue*, e *Alma*, paginas intimas; são obras de pura critica litteraria ou de costumes, como os opusculos das *Notas á margem*, e os elevados estudos dos *Escriptores e escriptos*, em que figuram alguns nomes portuguezes; são obras de humorismo desenfastiado, como as *Horas alegres*, *Philosophia de algibeira*, *Bric-á-brac*. E são ainda outras, que desappareceram da voga, esgotadas, deixando o logar vasio para aquellas que os prélos não emittiram por emquanto. E lá vem, aparceirada na rumorosa companhia, uma interessante obra documental, sem professorismo e sem estopada, — a *Litteratura Brasileira*, que foi concebida e assoalhada em Lisboa, quando Valentim Magalhães por cá passou festivamente, com a sua galharda attitude de campeão das Letras.

Até que, ultimamente, o cordeal trabalhador volveu olhos de saudade para as dispersas poesias, que tinha espalhado, como punhados de petalas aromadas, pelas estações calmas do seu caminho. E fez tambem a escolha dos seus versos, reunindo-os na encorporação duradoura d'um livro, debaixo do titulo preciso de *Rimario*. N'esta collecção vibrante de harmonias, que se desdobram em toda a gamma, — segundo a expressão assignalada pelo proprio auctor, — e vão depurando a sua embalante cantoria pelo filtro d'ouro do rythmo, Valentim Magalhães deve revêr-se e contemplar-se, integral, como n'uma verdadeira auto-biographia lyrica. Ficam alli consagrados todos os seus ideaes e todos os seus sentimentos. Não ha talvez composição alguma, nem qualquer estrophe, que deixe de lembrar a phrase alada de Michelet:

A cada passo, um canto!

Mas as nossas passadas mortaes encarreiram-

se todas para o ineluctavel Fim. E o triste rhapsode, ao vêr cahir-lhe dos braços a Esposa bem amada, que fôra a sua alegria e o seu amparo na serenidade do lar, fecha o *Rimario*, onde ella revive adoradamente d'um extremo ao outro, com este epitaphio, que parece a consubstanciação visionaria d'um soluço:

> O Amor, purissimo e forte,
> Uniu-nos sempre na vida,
> Quer no prazer, quer na dôr;
> Se nos separa hoje a Morte,
> Na Morte, mulher querida,
> Ha de juntar-nos o Amor.

Eis ahi está, gravada n'uma fórma superior do pensamento, toda a gentileza d'alma do Poeta, enamorado cavalheirescamente da sua Dama, ainda para além do mundo inerte, e sempre! E ahi está tambem a mais tocante e eloquente demonstração de que, na individualidade completa de Valentim Magalhães, cabe á vontade a privilegiada liga incontrastavel do caracter e do talento.

Monteiro Ramalho.

CHRONICA OCCIDENTAL

Continuam, naturalmente, sendo o assumpto de maior importancia as manobras a que procedeu a divisão naval.

Em Portugal, quanto diga respeito á marinha de tão gloriosa fama é sempre digno de registro, muito mais quando a experiencia vem provando a summa competencia dos officiaes e o denodo e disciplina dos marinheiros, ainda hoje dos primeiros no mundo.

Os exercicios realisados com os torpedeiros em Cascaes e em que tomaram parte a canhoneira *Diu* e os cruzadores *D. Carlos*, *Adamastor*, *S. Gabriel* e *D. Amelia*, seguiram se as manobras na costa do Algarve com o desembarque dos marinheiros na praia defendida pelo regimento n.º 15.

A todos estes exercicios assistiu El-Rei D. Carlos, cujo hiate acompanhou sempre a divisão naval.

Aos nossos navios, muito breve, vieram juntar-se as duas poderosas armadas inglezas do Mediterraneo e do Canal, aquella composta de trinta e seis navios e esta de dez, reunindo-se assim na formosa bahia de Lagos cincoenta e dois navios de guerra.

O espectaculo era deveras deslumbrante e imponente, quando todos a um tempo começaram saudando as bandeiras.

A' missa campal realisada na praia de S. Roque assistiram, juntamente com os marinheiros portuguezes, mil e tantos soldados catholicos da esquadra britannica.

Lagos esteve em festa durante esses dias todos, e os vivas e acclamações repetiram-se sempre que El-Rei veiu a terra.

Nos jantares offerecidos trocaram-se brindes entre El-rei de Portugal e os almirantes inglezes, pondo em relevo a amizade das duas poderosas nações coloniaes.

A esses e outros exercicios, acompanhando El-rei no seu hiate, assistiu o ministro de Portugal na côrte de Londres, Marquez de Soveral, que ha tempos, chegou a Lisboa no hiate real inglez *Victoria and Albert*.

Mais uma vez dará que falar o nosso sympathico diplomata, a quem tanto se deve o estreitamento de alliança entre Portugal e Inglaterra, que tão arriscada esteve a quebrar-se depois do ultimatum do ministro inglez n'esta côrte em janeiro de 1890.

Pouco mais de onze annos se passaram, e o nome de Marquez de Soveral, quer pelos seus trabalhos diplomaticos, quer pelas muitas sympathias que soube conquistar entre os mais altos personagens da côrte ingleza, criou fama universal, sendo muitas das suas acções discutidas pelos mais cotados jornaes do mundo.

E' claro que sempre as fantasias se põem em campo, abrindo as suas azas multicôres, desde negras até brancas de neve, vermelhas como o sangue ou azues como um céo de primavera. Simplicissimas palavras d'um breve discurso n'uma saude de cerimonia são mote para um volume de glosas. O equilibrio europeu, o engrandecimento dos imperios na Asia e na Africa, os que devem expandir-se e os que devem desapparecer, tudo são themas para complicadissimas variações na symphonia desanifada da imprensa da Europa e da America.

As fantasias vão tão longe ás vezes, que sente a gente a maior pena não as ver alvejando a coisas mais divertidas. Se os que prevêem soluções politicas applicassem seu poder de imaginação a assumptos de menor monta, não se representava o *Cabo da Caçarola* na Avenida nem o *Bico do Papagaio* na Trindade. Os auctores mais celebres no genero ficavam desbancados. O mais pintado mettia a viola no sacco. Isso é que eram magicas! Conforme o patriotismo de cada um, que lindas apotheoses, que desesperos de diabos, que lindas fadas surgindo sorridentes! Simplesmente as peças não diriam umas com as outras, sendo o diabo d'esta, a fada d'aquella, e os quadros finaes perfeitamente ás avessas.

Deixal-o; o theatro lucraria com isso, porque veriamos coisas novas, n'este tempo semsaborão em que a maior parte só trata de fazer o que outros já fizeram, sem nem sequer o escrupulo de lhe mudar o molho.

No theatro e no mais. Andamo-nos todos a imitar. Nem já causa espanto ver um copista servil, ás vezes de pessima caligraphia, encher o papo com a obra roubada pela millionesima vez.

Haja quem dê largas á fantasia, mas desça depois dos artigos de fundo para o rez do chão do jurnal onde, de cada vez, o classico *continua* encherá de jubilosa curiosidade as senhoras visinhas que tanto adoram fantasticas complicações.

Grande motivo para devaneios será agora a proxima viagem do Tzar da Russia. O poderoso autocrata desembarcará em Dunkerque, onde deve realisar-se a revista naval, indo depois a Reims assistir á revista militar em que tomarão parte cento e sessenta mil homens.

Parece que o Tzar não irá a Paris, onde seria de temer uma recepção menos de accordo com os desejos do governo da republica.

Elle e a tzarina alojar-se-hão no famoso palacio de Compiègne, sendo-lhe destinados os aposentos famosos da parte chamada de Napoleão I.

Dizem-nos estas simples linhas que muita vez a fantasia fica abaixo da realidade dos factos e que a chamada logica da historia nos reserva sempre as maiores surprezas.

Na defeza commum unem-se os povos, conforme as necessidades do dia e as sympathias do momento. N'esse mesmo palacio onde tão acclamados vão ser os imperadores da Russia, quanto não se conspirou contra seus antecessores! E talvez não seja preciso ir tão longe como ao grande Bonaparte.

Festas e festas querem dizer boa amizade. Tambem nós cá nos preparámos para receber o melhor que nos fosse possivel os visitantes hespanhoes que, ha dias, ahi chegaram, quando as malas já se afivelam para mandarmos até Madrid umas centenas de portuguezes.

Não teem de nós razões de queixa os hespanhoes: companhias de zarzuela, espadas com suas quadrilhas, artista de que genero fôr, é sabido como em Portugal são acolhidos sempre. O respeito pelo estrangeiro vai tão longe que muita vez parecemos preferil-o a muitos dos nossos que lhe não são inferiores. Os artistas pagam-nos a amabilidade com cortezia, mas bom era que espalhassem um pouco mais no seu paiz a que extremos vai a delicadeza em Portugal. Talvez já os ciclistas portuguezes que, ha dias lá sahiram vencedores n'uma corrida, não fossem apupados, porque obtiveram victoria.

Incidente sem valor afinal e de que só falamos, porque veio a pêllo.

Desembarcaram os hespanhoes em Lisboa e foi com elles amavel a terra. Outro tanto não poderão dizer do céo, que lhes despejou em cima suas cataractas, com grande gaudio dos vinicultores, para quem a chuva foi bemdita.

Não poude por isso realisar-se a toirada á portugueza, annunciada para quinta feira na praça do Campo Pequeno. Estamos convencidos que não perderam muito com isso os hespanhoes, amadores de toiros, visto que as nossas toiradas estão muito longe de dar a intensa sensação que produzem nas praças hespanholas o combate muito mais arriscado dos espadas e picadores.

Lisboa, n'este tempo, com quasi todos os seus theatros fechados e ruas desertas, não offerecendo encantos sufficientes para satisfazer a curiosidade dos visitantes estrangeiros, muitos d'estes se teem ausentado, tomando os comboios de Cintra e Cascaes.

A feira de Belem é que elles decerto não foram, a não ser que jogassem á pancada, tal o assalto que nos primeiros dias foi dado aos carros electricos, que inauguraram suas carreiras entre Algés e o Caes do Sodré.

Continuem elles pela mesma fórma o serviço que estes dias teem feito e constituirão seguramente os mais notaveis melhoramentos da capital.

Algumas das ruas por onde passam, é que continuam n'um estado lastimoso, impossivel de aturar por mais tempo, tendo-se tornado perigosissimo o serviço dos outros carros, sobretudo de noite, com candeeiros de gaz escurissimos.

É bello e hygienico o passeio desde o Caes do Sodré até Algés, feito n'uma carreira accelerada, respirando-se este bello ar, que o outomno proximo já vai refrescando. Por isso os carros eram assaltados, sem que houvesse um vislumbre de pavor, que muitos suppunham seria causa de andarem os americanos vasios durantes os primeiros tempos de desconfiança.

Vão uns apanhar o bello ar, e mais dolorosamente impressiona a triste historia d'esses desgraçados Graças e seus cumplices, ha dias levados para as cellas da penitenciaria. A simples narração dos factos, pae e filho cumplices do mesmo crime, culpados cada um da desgraça do outro, uns tristes miseraveis que os ajudaram e que longamente vão expiar a culpa, que horror que isso faz!

Crimes! É um não acabar!

Agora nos communicou o telegrapho a tentativa de assassinato de que foi victima Mac-Kinley, presidente dos Estados-Unidos, cujo nome tão falado foi na Europa, quando da guerra de Cuba. O seculo passado foi prodigo em attentados contra os chefes de estado; mas o seculo xx decorrêra até agora sereno. Triste inauguração!

Em Lisboa muitos crimes houve tambem ultimamente, alguns dos quaes se envolvem por emquanto em mysterios.

Um dia serão desvendados e os que mais gostam d'esses romances verdadeiros dirão entre si, cheios de confiança: — Deixal-o; ha de haver ainda mais.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O ATTENTADO CONTRA O PRESIDENTE MAC-KINLEY

O attentado contra o presidente dos Estados-Unidos da America do Norte causou, como era natural, uma profundissima emoção em todo o mundo. A' longa lista de soberanos e altos magistrados alvo de identicos ataques veiu juntar-se o nome de Mac-Kinley.

Segundo o theor dos primeiros telegrammas que referiam o crime, foi elle perpetrado na cidade de Buffalo, aonde o presidente fôra inaugurar a exposição, e na occasião em que terminava o concerto de orgam que diariamente se realisa ali Mac-Kinley estava exposto, porque a multidão amontoava-se até á grade da tribuna, na qual elle se debruçava para corresponder ás saudações do povo.

Na *hall* havia bastante policia mas era impossivel evitar qualquer occorrencia desagradavel. O presidente demonstrava no rosto a intima satisfação pelos signaes de sympathia que recebia.

Mac-Kinley tinha á sua direita o presidente da exposição e á esquerda o seu secretario particular. Então um homem vestido de preto approximou-se da tribuna, como se quizesse cumprimentar o presidente, e á distancia de uns sessenta centimetros disparou dois tiros de revolver. Na multidão houve um momento de silencio. Mac-Kinley conservou-se de pé, mas o semblante traduzia funda emoção. Em seguida deu um passo para traz e cahiu.

Passado este momento de surpreza e de espanto no meio de um silencio funebre, dois policias e varias pessoas que estavam proximas precipitaram-se sobre o aggressor, que se reconheceu mais tarde ser um tal Czolgosz, individuo natural dos Estados-Unidos mas oriundo de paes polaco-allemães.

A primeira bala bateu ligeiramente no sternum, podendo ser extrahida; a segunda perfurou os dois involucros do estomago, onde a bala se alojou. Aberto o abdomen, não se encontrou o projectil, fechando-se o corte sem incidente. O presidente conservou sempre os sentidos. Os medicos ao sondarem os ferimentos declararam que não eram mortaes e que seria possivel a salvação.

Com effeito o presidente ainda vive á hora em que escrevemos, mas o seu estado é extremamente grave.

E assim se encontra periclitante a vida de um dos mais illustres homens de estado dos nossos tempos. Dotado de grande energia, notavel audacia e perspicacia, conseguiu elevar-se de um berço humilde á mais alta magistratura do seu paiz. Como antigo candidato á presidencia dos Estados-Unidos, subscreveu compromissos de caracter «monroeista» que seduziram os eleitores e lhe deram a victoria. Em harmonia com esses principios e excitado pelos «jingoes» desempenhou o papel de que todos se lembram no conflicto hispano-americano, tornando o seu paiz uma potencia colonial, e dando-lhe verdadeiros dias de glo-

ria, apezar da sua politica se tornar um tanto antipathica para as demais nações. Comtudo parecia que o seu espirito se revirava, pois que no ultimo discurso proferido na inauguração da exposição Buffalo elle declarou que o desenvolvimento commercial e industrial dos Estados-Unidos tomara tal extensão que era absolutamente necessario crear novos mercados, para isso se tornava preciso abandonar a politica do exclusivismo e adoptar a politica de reciprocidade

Wiliam Mac-Kinley é oriundo de uma familia irlando-escoceza, tendo nascido em 24 de fevereiro de 1844. Por occasião da guerra da successão alistou-se n'um regimento de voluntarios federaes e entrou na campanha com ardor e valentia. Lincoln, que sympathisou com elle, protegeu-o por modo que alcançou em pouco tempo o posto de major. Dedicou-se ao estudo do direito, tentou o commercio mas não foi muito feliz nas suas especulações. Dividindo o tempo entre os negocios da sua casa e a politica partidaria, adquiriu popularidade e prestigio local. Em 1877 Ohio deu-lhe o diploma de deputado ao congresso. Ahi foi um dos chefes do partido republicano e dentro de pouco o indigitado para presidente da republica. Em 1896 foi effectivamente eleito para substituir Cleveland, e em 1900 a sua reeleição mostra a apotheose que o povo americano fez ao seu tacto politico.

Logo que se deu o attentado foi chamado a Washington o respectivo vice-presidente, Roosevelt, a quem os medicos affirmam ser possivel a salvação de Mac-Kinley. Succede, porem, que a constituição dos Estados-Unidos é omissa sobre o caso da substituição do presidente pelo vice-presidente quando aquelle esteja vivo, pelo que não é facil prevêr a face que as cousas tomarão. Mas é de suppôr que uma solução transitoria e digna legalise e obvie a esta duvida, pois certamente levará seu tempo o restabelecimento completo do presidente.

CONFLICTO FRANCO-TURCO

O conflicto entre a França e a Turquia, originado pela questão dos caes, e em que o embaixador francez em Constantinopla, mr. Constans, se mostrou tão intransigente, aggravou-se ha pouco com a retirada d'este diplomata para França. A' ultima hora o sultão pretendia não pagar cousa alguma e fugir ao contracto assignado.

Tendo o sultão cedido ás primeiras ameaças, o embaixador francez reclamou uma indemnisação pelo prejuizo causado pelo governo turco á sociedade franceza que explora os caes do Bosphoro.

Mas, retirando-se mr. Constans da embaixada, e falando-se n'uma demonstração naval franceza nas aguas turcas, parece que o conflicto terá qualquer solução menos prevista.

Comtudo, a França, só se preoccupa agora com a viagem do Czar, viagem a que se attribue um alto valor, pelo seu caracter guerreiro, pois que não passa de uma inspecção ás tropas republicanas, para no caso de se entabolarem operações combinadas com os exercitos russos.

A Turquia é uma nação esphacelada, sem allianças seguras, sem dinheiro, meio asiatica, vivendo sob o dominio da mais absurda tyrannia. Mas, a despeito d'isso tudo, o sultão não se importa com uma intervenção pela força, parecendo que só assim cederá.

Pelo seu lado, a França não está muito disposta, pelo menos nas circumstancias actuaes, a ir a esses extremos. Portanto Mr. Constans retirou-se apressadamente para Paris, continuando pendente o conflicto. Pela sua parte o ministro da Turquia foi-se deixando ficar na capital franceza, talvez espionando os movimentos dos turcos amantes da liberdade e que forcejam por implantal-a na sua patria, cuja decadencia reconhecem.

Noticiando o conflicto e historiando os seus tramites, a imprensa europeia tem publicado curiosas e interessantes notas ácerca do sultão actual Abdul-Hamid, cujo retrato damos a pag. 196 e revelado varias particularidades do seu viver intimo, e que espelham bem o caracter do imperador da Turquia.

Assim, diz se que Abdul-Hamid, em virtude do grande receio que tem de ser assassinado, passa as noites em claro e apenas se deixa adormecer ao romper da madrugada. Parece que elle é quem vigia os guardas encarregados de velar pela segurança da sua pessoa.

Apenas acorda, o sultão veste um facto de côr escura. Sómente nas grandes cerimonias officiaes ostenta a «stambouline» ou um uniforme militar, segundo as circumstancias. Terminadas as suas devoções, toma a primeira refeição, a qual é invariavelmente composta de café, manteiga e ovos. O café é de Moka, e especialmente enviado de Meca para o sultão.

Logo a seguir o camarista de serviço apresenta ao soberano o expediente official de maior importancia, e depois os relatorios dos diversos funccionarios provinciaes. A's onze e meia o sultão toma a sua segunda refeição. Os pratos que lhe são servidos são preparados n'uma cozinha especial, e debaixo da vigilancia d'um funccionario não menos especial. Este funccionario põe um sello nas tampas dos pratos, e esse sello só é quebrado na presença do sultão. Um outro funccionario prova então as iguarias afim de se assegurar de que não estão envenenadas.

O sultão come um pouco de cada um dos pratos que lhe apresentam, mas não occulta a sua predilecção por determinada iguaria, chamada «beurecks» e pelo «pilaf» nacional. Toma em seguida o café e fuma um charuto do delicioso tabaco de Buffra, expressamente cultivado e preparado para elle.

Terminada a segunda refeição, o soberano dorme duas horas. Quando accorda, o camarista apresenta-lhe os relatorios da policia secreta.

Por volta das quatro horas passeia a cavallo ou de trem. Este passeio é muitas vezes substituido por uma visita a qualquer dos innumeros chalets situados no parque, e que servem de habitação ás mulheres do sultão.

Abdul-Hamid possue mais de cincoenta gabinetes de trabalho, tanto no palacio de Jildij como nos mysteriosos chalets construidos ao longo do parque.

Ninguem sabe com antecedencia onde elle passará o dia ou a noute. Muitas vezes as sentinellas collocadas no exterior dos chalets julgam-no dentro de algum d'elles, e o soberano já se encontra n'outra habitação para onde passou pelas communicações secretas.

Todos os quartos de dormir do sultão, quer no palacio quer nos chalets das suas mulheres, são separados do resto do edificio por uma porta de ferro, munida de fechaduras de complicado mechanismo.

Diz-se ainda que as paredes d'esses quartos conteem esconderijos construidos por engenheiros que juraram guardar segredo, e os quaes só o sultão conhece. E como se tudo isso não bastasse, dois magnificos cães do Monte de S. Bernardo estão collocados á porta do quarto, e ladram ao menor ruido suspeito.

Abdul-Hamid é em extremo desconfiado, e por qualquer cousa pratica actos de requintada ferocidade.

A DESPEDIDA DO TOUREIRO

Ella á janella sorri-se e mostra-lhe a filha. Elle com a ponta dos dedos atira um beijo ao amoroso grupo.

Logo, com a vara na mão bem apertada, joelhos bem unidos á sella, no cavallo lazarento caminhará para o toiro. E quando este avançar, se falhar a sorte, se nas armas agudas cavallo e cavalleiro forem levantados e depois atirados á terra, um momento haverá talvez em que elle ha de rever a mulher que lhe sorria, a pequenina a quem atirou baboso um beijo ternissimo.

Um quite do matador, e o homem está livre d'um mão lanço.

A mulher e filha esperam-o á janella. Lá volta são e salvo e glorioso!

Veremos no domingo.

Elle passa máos boccados. Ellas, horas de anciedade.

GLORIA-PATRIA

(PAGINA DE FILOSOFIA)

«...*contempta fama, virtutes contemnuntur.*»

TACITO.

Marmontel escreveu em seus *Fragmentos de filosofia moral* que «A verdadeira gloria tem para objecto o util, o honesto e o justo e só ella póde suportar o exame da verdade.»

Em plena harmonia com o illustre moralista francez de recordação perduravel que deixou semelhante conceito eu folgo, ao lêl-o, de haver tido para berço uma patria em que os lampejos fulgurantes da gloria são phosphorescencias legitimas de sentimento mais nobre.

As conquistas imortaes da idéa e o cunho scintilante do progresso moral são o que resta de maior valor e de melhor ensinamento na sequencia das edades.

O homem que soube sacrificar no intimo de sua consciencia as afeições mais ternas e á defeza do paiz natal os interesses proprios mais justificados, que foi surdo a todos os estimulos da vaidade e renitênte a todos os impulsos deshonestos, um homem tal, bem merece de seus compatriotas de cuja memoria não desaparecerá nunca seu nome honrado.

As sociedades que precederam em antiguidade remotissima a passagem da civilisação grega apenas legaram monumentos de grandeza colossal definidos por um conjuncto disforme em que se equiparam objectivos extravagantes e manifestações brutaes!

A guerra permanente, hécatômbe com todos os horrores de orgia desenfreada, ondas de sangue humano avermelhando aguas de rios e de mares, ranger de dentes desesperado, estertor de moribundos, corpos dilacerádos, este era o espectaculo de vida oriental que Alexandre interrompeu calcando a pés de seus soldados os loiros triumphaes da corôa persa outr'ora cingida por monarchas que haviam submetido pela força as multidões escravisadas de cem nações vencidas.

O discipulo d'Aristoteles converteu em propriedade sua tudo quanto servira para se formar o imperio de Dario; e se a victoria o embriagou até ao ponto de perder as noções mais leves de dignidade da especie, apezar d'isso o genio grego abriu e distendeu suas azas por sobre terras da Asia.

A Grecia attingiu as culminações supremas do esforço intellectual e a esféra luminosa do pensamento creador; não construiu pyramides destinadas a guardar cinzas de principes faustuosos, mas legou como herança aos povos que lhe seguiram no rasto o fulgôr deslumbrante de sua civilisação esplendida e as paginas rutilas que escreveram em caractéres inapagaveis aquelles artistas inspirados que possuiram o segredo magico de dobrar a Natureza arrebatando as gentes emudecidas de espanto!

Os romanos, as legiões dos quaes se apoderaram do solo de Laconia e Atica, em breve maleados pelos esplendores de engenho dos athenienses tornaram-se discipulos timidos dos Homero, dos Eschylo, dos Demosthenes, dos Herodoto, dos Pindaro, dos Phidias, tantissimos mestres inconfundiveis cuja pujança de irradiação intellectual e artistica jámais foi excedida.

Todas estas manifestações genuinas do Bello não apagaram porém o fogo ardente que lavrava em peito de romanos incitando-os á conquista universal; e, sem embargo de todas as influencias hellenicas de caracter pacifico ainda agora se entrevê em sua virilidade mascula o grau de intensidade de sua gentileza indomita e a audacia invulneral em prodigios guerreiros que cercaram de aureola ingente a fronte dos vencedores do mundo.

Roma, senhora de nações pelo direito contestavel das armas, foi theatro de glorias militares e berço de batalhadores heroicos.

A figura de muitos d'estes destaca-se brilhante nas paginas da Historia e vive tradicional entre as gerações que passam.

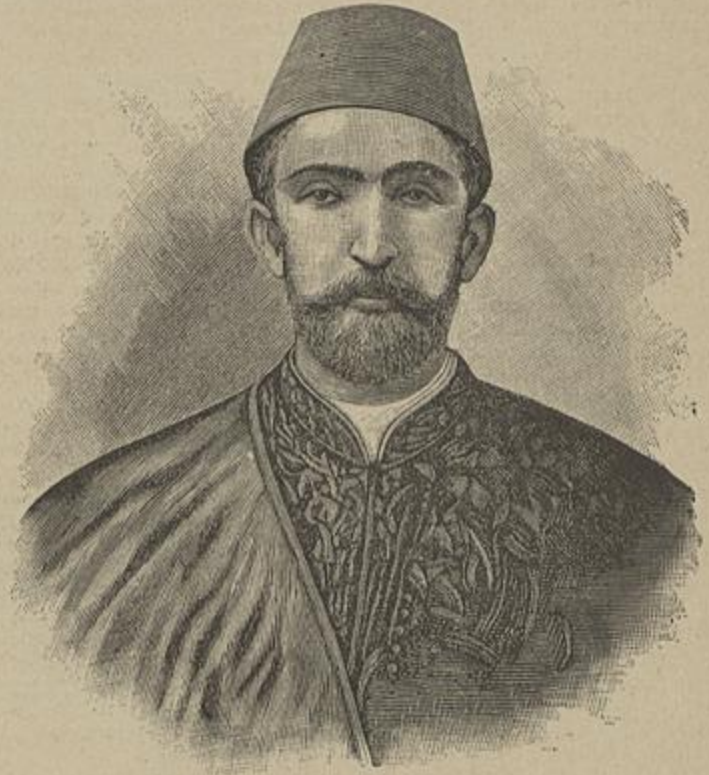
A grandeza dos Fabricios e dos Scipiões avulta na téla dos fastos da humanidade com tanta exemplificação de virtude civica e com tanto quantitativo de merito real como a gloria dos Pythagoras e dos Hypocrates ahi avulta por conceitos sublimes de filosofia e por inicios elevados de sciencia medica.

Houve então mentes fascinadas pelas visões da Gloria, povos em delirio no enthusiasmo de sua posse, mundo suspenso e arroubado perante ella; mas a seductora caminhou sem parar, avançou de terra a terra, empolgou de gente a gente, firmou imperio de momento a momento!

Tambem veiu a paiz de portuguezes; não somos engeitados da Gloria! é exiguo e acanhado o territorio de nosso continente, bastam poucas horas para percorrel-o, mas não tem sido exiguo nem acanhado o valor intrinseco de sua lida universal, não bastam muitas horas, nem mesmo poucos annos para instruir com precisão até que ulmas raias alcançou no desempenho sua actividade febril, em que horisontes apartados fez alto em seu papel generoso de instrumento fecundo de civilisação purissima.

Portugal, como a Phenicia antiga, como a Grecia estonteante insculpiu nome glorioso em cifra indelevel á face do planeta.

Filhos seus embarcaram para a viagem da India e tocaram praias do Brazil pela vez primeira; filho seu era Fernão de Magalhães, que primeiro circumnavegou o Globo e Luiz de Camões, o maximo de seus poetas, que enfeixou em canticos nobilissimos d'um mesmo livro de louvor perennal, todos os rasgos de heroismo portuguez e todas as glorias immorredouras de sua historia:

O PRESIDENTE MAC-KINLEY
VICTIMA DO ATTENTADO, EM BUFFALO, EM 6 DO CORRENTE

O CONFLICTO FRANCO-TURCO
O SULTÃO ABDUL-HAMID

filho seu era Affonso d'Albuquerque, *o terribil*, da espada e da honra e Antonio Vieira, o inimitavel da penna e da palavra: filho seu era D. João de Castro, em quem as barbas constituiram expediente singular e caso de maravilha e Antonio de Buihões, que a Igreja guindou a santo e a virtude consagrou na alma popular!

Um povo assim, que no tempo actual estremece de jubilo ao ouvir pronunciar ou lendo Chaimite, não deve esmorecer nem titubiar, ao contrario, deve impôr sem transigencia aos depositarios do poder a veneração respeitosa do altar da patria que a bandeira inflamma.

Patria!... «la grande amitié qui contient toutes les autres, como definiu Michelet. Elle morte, tout serait mort.»

A proposito do povo-rei asseverou Bossuet no *Discurso sobre a historia universal:* «Le fond d'un Romain, pour ainsi parler, était l'amour de sa liberté et de sa patrie. Une de ces choses lui faisait aimer l'autre, car, parce qu'il aimait sa liberté, il aimait aussi sa patrie comme une mére qui le nourrissait dans des sentiments également généreux et libres.»

Montesquieu escreveu no *Espirito das leis:* «O amor da patria encaminha á bondade dos costumes, e a bondade dos costumes encaminha ao amor da patria.»

No *Genio do christianismo*, de Chateaubriand, lê-se: «Ora, o instincto exclusivo do homem, o mais bello, o mais moral dos instinctos é o amor da patria.»

Patria!... quantas paginas eu poderia encher citando apenas frázes profundas com que pretenderam definir esta palavra e imprimir fórma sensivel a esta idéa, os engenhos mais luminosos da humanidade?!

É que vicejam ahi bellezas de sentimento e resaltam harmonias maternaes.

A Historia regista como primazia de suas constelações mas formosas os lances heroicos que revelam na corrente dos seculos actos de prodigio e affecto intenso, ligando as gerações estreitamente ao solo onde o berço lhes demora.

Nações antigas e modernas foram e continuam a ser theatro de scenas deslumbrantes, inspiradas pela voz afflictiva da patria agonisante.

Perde-se na noite de tempos remotissimos a pri-

O Real Theatro de S. Carlos

CARMEN BONAPLATA

FRANCESCO MARCONI

meira nota fascinadora do hymno trumphal de acções commoventes, cujo estimulo magnetico foi o amor da patria.

Persuado-me que desde a hora na qual a creatura humana pizou a terra, logo principiou a amar o ponto do espaço que suas plantas tocaram: é uma afeição nobre que verdadeiramente se insinua no coração dos povos, a partir das mantilhas da infancia.

«O patriotismo, falando com rigor, affirmou Auguste Callet em seus *Estudos de moral*, é uma ampliação de piedade filial.»

A corôa legitima de gloria inextinguivel na jornada humana, é a que relembra e aviva sacrificios generosos e actos de valor impavido, praticados em prol do torrão sagrado.

Já passaram mais de dois mil annos após o feito das Thermopylas e, comtudo, vingaram até nós as palavras de Simonides, não se apagou o nome de Leonidas!

«Quanto é glorioso, dizia o poeta da ilha de Céos, o destino d'aquelles que morreram nas Thermopylas! quanto é bella a sua morte! O seu tumulo é um altar. Em vez de lagrimas havemos de dar-lhes uma recordação eterna. O seu panegyrico consiste na maneira como elles findaram os dias. Nem a ferrugem, nem o tempo destruidor extinguirão este epitaphio dos bravos. A camara subterranea onde seus corpos repousam, encerra a illustração da Grecia.»

A inscripção tumular dos spartanos immortaes entregues a Xerxes pela traição d'Ephialtes, reza assim: «Caminheiro, vae dizer a Sparta que morremos aqui por obediencia ás suas leis.»

Enthusiasmam até á embriaguez do delirio estas scintilações maravilhosas de amor patrio e é edificante o carinho com que são guardadas nos paizes dirigidos superiormente semelhantes reliquias venerandas do passado.

Instillar na alma do povo, qual nectar delicioso, tudo quanto póde afervorar o sentimento de patria é excellencia propria no ministerio de governação publica e timbre pundonoroso que consagra no tribunal da Historia a fama lisongeira dos depositarios do poder.

Hoje mais do que nunca instantemente urge ministrar ás massas populares educação civica de molde a atrahil-as ao caminho recto do dever pelos exemplos sugestivos de dedicação á terra natal legados por aquelles que em epocas afastadas crearam e consolidaram nacionalidades. Não ha meio melhor de combater com vantagem as tendencias anarchicas e os impulsos de egoismo pessoal envilecido que divulgar com a publicidade

A DESPEDIDA DO TOUREIRO

maxima as bellas lições dos mortos dignos de respeito e patentear á vista dos hodiérnos os quadros de grandeza épica.

Poucos povos possuem como Portugal uma historia tão brilhante de crença na patria e de gentileza indómita: desde a aurora da independencia até aos campos d'Aljubarrota; desde a acção naval de Fuas até á catastrophe do *Desejado*; desde o primeiro dia do mez de dezembro de 1640 até ás campanhas ainda recentes de Mousinho vibrou sempre em coração de portuguezes o sentimento de seu paiz.

Porque não fazer prevalecer sobre todas as combinações politicas do presente o interesse da patria?

Porque deixar gemer na ignorancia dos factos historicos quatro milhões d'analphabétos que não são culpados de sua miseria?

Porque amontoar leis sobre leis, reformas sobre reformas se permanecem ás escuras sem instrucção rudimentar muitissimos irresponsaveis de erros partidarios, para os quaes a leitura dos *Luziadas* é impraticavel?

Ah! Camões, Camões! quanto são pygmeus comparados a tua musculatura de portuguez divinisado estes que agora sabem recitar apenas sem nexo a tua linguagem genial e que não se atrevem por corroidos d'ambições mesquinhas a converter em medida util de aplicação ao Estado a verdade de teu conselho!!

Pena é que não seja bem governado este povo de heroes, pequenino em relação ao tracto territorial que soube conquistar e amplamente conhecido em todo o mundo pelo valor de seu braço casado á nobreza de sua coragem!

Se, um dia, nações mais poderosas arrebatarem os dominios que nos restam do imperio d'outr'ora pelo direito brutal da força, práza a Deus que saibamos conservar este cantinho europeu e que, se morrermos, a nossa morte com a patria seja digna de inspirar a um novo Simonides alguma expressão acomodada a sepulchro honroso.

Portugal! eu quizera dizer de ti em fráze vehemente e expressiva como Filicaia disse de sua patria em soneto inolvidavel:

«Italia, Italia! o tu cui feo la sorte
Dono infelice di bellezza, ond'hai
Funesta dote d'infiniti guai,
Che in fronte scritti per gran doglia porte;

«Deh, fossi tu men bella o almen piu forte,
Onde assai piú ti paventasse, o assai
T'amasse men chi del tuo bello a'rai
Par che si strugga e pur ti sfida a morte!

«Ché giù dall'Alpi non vedrei torrenti
Scender d'armati, né di sangue tinta
«Bever l'onda del Po gallici armenti;

«Né te vedrei del non tuo ferro cinta
Pugnar col braccio di straniere genti,
Per servir sempre o vincitrice o vinta.»

Sim, ó patria portugueza eu quizera éstro de Empyreo e harpa divina para transmittir á minha idade o que alma sente contemplando tropheos gloriosos de esforço luzitano em terras de Portugal, mas não é consoante anhelos de homem que se acende talento onde existe a mediocridade e que brotam irradiações de artista onde só é a simples vontade: paciencia, só Deus é crystallização perfeita de segredos e chave decifradora de enygmas e compéte á creatura sem cessar captiva contentar-se com a sua sorte!

Filicaia, eleito de Nume eterno foi ditoso de emoção altissima no significado primoroso de versos inexcediveis na literatura de sua patria; os que não podem seguil-o por estrada tão radiosa devem-lhe ao menos gratidão de admiradores e assênso de ideaes empolgantes.

O' patria, não sou Filicaia, nem perdes por isso, ha livro de aljôfares e de alvoradas em mão de filhos teus: aprende a lêr as estrophes d'essa epopêa de gigantes, resguarda as creanças de berco com folhas de *Luziadas*, ergue-te á altura de Camões e viverás ó patria sem rival no nimbo e na magestade das civilisações que não acabam! É privilegio inestimavel vencer a equação dos tempos na aza da fama pela gloria d'um nome e pelo traço fulgurante d'um exemplo: é assim que Homero e Thermopylas revivem a Grecia, que Virgilio e Pharsalia revivem Roma, que Miguel Angelo e a cupola do Vaticano revivem a Renascença: deixa Camões, deixa tu tambem que teu nome e o titulo de teu poema revivam agora por minha penna debil as glorias da patria portugueza e consente que remate por tal evocação a pagina de alma que aqui me fica!

Julho, 4 de 1901.

D. Francisco de Noronha.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 814)

1895-1896

Recitas no theatro de S. Carlos pela companhia dramatica franceza de Sarah Bernardt — Divisão em dois do antigo camarote do conde de Farrobo, hoje da condessa d'Edla — Companhia lyrica — Reportorio — O tenor Marconi — A dama Hariclée Darclée — Muitas damas e muitos tenores para poucas recitas — *Irene*, nova opera de Alfredo Keil — Grande manifestação patriotica em S. Carlos, pela captura do regulo Gungunhana pelo capitão Mousinho de Albuquerque — Recita de gala no theatro de S. Carlos, em homenagem ao regresso das tropas expedicionarias de Lourenço Marques, commandadas pelo coronel Galhardo — Manifestações patrioticas em S. Carlos, pelas victorias dos portuguezes na Africa oriental — Ovações aos officiaes de terra e mar, soldados e marinheiros — Te-Deum na egreja dos Jeronymos em Belem — Exequias do poeta João de Deus — O carnaval de 1896 em S. Carlos — Alguns musicos fogem da orchestra com medo dos projectis dos espectadores — Recitas extraordinarias da *prima donna* Darclée — Concertos no theatro de S. Carlos pela orchestra, e pelo violinista Pablo Sarrasate, e pianistas Bertha Marx e Rey Collaço — O contrabaixo Italo Caimmi — Debute no theatro do Colyseu dos Recreios do tenor portuguez Carlos Tavares — Sessão solemne da Sociedade de Geographia no theatro de S. Carlos, em homenagem á expedição a Lourenço Marques — Discursos; distribuição de medalhas e diplomas pelo Rei D. Carlos I aos expedicionarios — Festa de caridade em beneficio de estudantes pobres — *Sejamos Castos*, operetta em portuguez, de Illydio Amado — Concertos de musica classica no salão inferior do theatro de S. Carlos.

Antes de começar a epocha lyrica, de 1895-1896, houve, no mez de novembro de 1895, no theatro de S. Carlos, recitas pela companhia franceza de Sarah Bernardt. Foi suprimida a orchestra n'estas representações, e collocadas cadeiras nos logares dos musicos. Os preços eram muito elevados; comtudo a assignatura foi bastante numerosa.

Eis os preços d'estas recitas:

	Por assignatura	Avulso
Frizas	15$000	16$000
Camarotes de 1.ª ordem	18$000	20$000
» » 2.ª »	9$000	10$000
» » 3.ª »	7$000	8$000
Torrinhas	4$500	5$000
Plateia	2$000	2$500
Galeria	—	1$000
Entrada geral cu varandas	—	700

A assignatura foi por 6 recitas. Ao todo houve 11 recitas, com as seguintes peças:

1.ª *Tosca*, de Sardou, em 12 de novembro de 1895.
2.ª *La dame aux camélias*, de Alexandre Dumas, filho, em 13 de novembro.
3.ª *Phédre*, de Racine, em 14 de novembro.
4.ª *Magda*, de Sudermann, em 15 de novembro.
5.ª *Gismonda*, de Sardou, em 16 de novembro.
6.ª Idem, em 17.
7.ª (Extraordinaria), idem, em 18.
8.ª Festa artistica de Sarah Bernardt, em 19 de novembro, *La femme de Claude*, de A. Dumas, filho, *Jean Marie*, de Thieuret.
9.ª Despedida, em 20 de novembro, *Fedora*, de Sardou.

A companhia foi ao Porto dar algumas recitas, e voltando a Lisboa deu mais duas representações, a saber:

10.ª *La dame aux camélias*, de A. Dumas, filho, em 29 de novembro.
11.ª *La femme de Claude*, de A. Dumas, filho, e *Jean Marie*, de Thieuret, em 30 de novembro.

N'esta epocha o antigo camarote do conde de Farrobo, hoje pertencente á condessa de Edla, foi dividido em dois, reservando a viuva do rei D. Fernando o 1.º camarote de boca para seu uso, e alugando o camarote immediato.

Eis o elencho da companhia lyrica da epocha de 1895-1896:

Damas: Carmen Bonaplata Bau, Fausta Labia, Amedea Santarelli (meio soprano), Alessandrina Stromfeld Klaminska, Luigia Tetrazzini, Hariclée Darclée, Lina Bignardi, Teresa Arkel, Cesira Pagnoni (contralto), Carolina Castigliani (comprimaria), Zavner (contralto), Macintyre.

Tenores: Alberti Verner, Francesco Marconi, Gerardo Perez, Giuseppe Moretti, Bayo, Bernardino Blanquer (comprimario), Giuseppe Roiz (idem).

Barytonos: Ramone Blanchart, Antonio Modesti, Pietro Casari (buffo).

Baixos: Lanzoni, Dadó, Egisto Rinaldi, Francesco Dubois.

Choreographo: Conti.

Bailarina: Cornelia Riva.

Mimicas: Elda Rubensi, Angelina Farina.

Maestros: Giovanni Goula, Vincenzo Pintorno, Giusto Giusti (dos coros).

O reportorio foi o seguinte:

Aida, de Verdi, em 24 de dezembro de 1895, por Carmen Bonaplata Bau (e depois Fausta Labia), Amedea Santarelli (e depois Zavner), Alberti Verner, Antonio Modesti, Egisto Rinaldi, Lanzoni, Blanquer.

Mefistofele, de Boito, em 27 de dezembro, por Fausta Labia, Zavner, Gerardo Perez (e depois Moretti), Lanzoni, Roiz.

Rigoletto, de Verdi, em 28 de dezembro, por Alessandrina Stromfeld Klaminska, (e depois Bignardi), Zavner, Castigliani, Francesco Marconi (e depois Moretti), Antonio Modesti (e depois Blanchart), Lanzoni, Blanquer, Boscarini, Ghidotti.

Il Trovatore, de Verdi, em 31 de dezembro, por Bonaplata (e depois Labia), Santarelli, Castigliani, Verner, Modesti, Blanquer.

L'africana, de Meyerbeer, em 4 de janeiro de 1896, por Bonaplata, Lina Bignardi, Castigliani, Marconi, Ramone Blanchart, Lanzoni, Rinaldi, Roiz, Dubois, Blanquer, Ghidotti.

Lohengrin, de Wagner, em 11 de janeiro, por Bonaplata (e depois Teresa Arkel), Santarelli, Verner, Modesti, Lanzoni, Dubois.

Gli Ugonotti, de Meyerbeer, em 16 de janeiro, por Bonaplata, Bignardi, Zavner, Castigliani, Marconi, Blanchart, Lanzoni, Dadó, Dubois, Blanquer, Boscarini, Roiz, Ghidotti, Rinaldi.

Lucrezia Borgia, de Donizetti, em 24 de janeiro, por Bonaplata, Zavner, Marconi (e depois Moretti), Dadó, Dubois, Boscarini, Blanquer, Roiz, Ghidotti. Foi a festa artistica do tenor Marconi, o qual cantou, no 4.º acto, um trecho da opera *Nerone*, de Rubinstein; e, acompanhado ao piano por Goula, cantou a aria do *Duca d'Alba*, de Donizetti.

Gioconda, de Ponchielli, em 26 de janeiro, por Bonaplata, Santarelli, Zavner, Gerardo Perez (e depois Moretti), Blanchart, Dadó, Dubois, Blanquer, Ghidotti.

Fausto, de Gounod, em 4 de fevereiro, por Macintyre (e depois Tetrazzini) Zavner, Castigliani, Moretti (e depois Bayo), Modesti, Lanzoni, Rinaldi.

Lucia di Lammermoor, de Donizetti, em 9 de fevereiro, por Luiza Tetrazzini, Castigliani, Moretti (e depois Bayo), Modesti Dubois, Blanquer, Ghidotti.

Il Barbiere di Siviglia, de Rossini em 16 de fevereiro, por Luiza Tetrazzini, Castigliani, Bayo, Modesti, Pietro Cesari, Lanzoni, Ghidotti. No ultimo acto Tetrazzini cantou as variações de Proch; e em outra recita cantou o bolero da opera *Vespri siciliani*, de Verdi.

Irene, de Alfredo Keil, em 21 de fevereiro, em recita extraordinaria, por Bonaplata, Santarelli, Zavner, Moretti, Blanchart, Dadó, Cornelia Riva, Elda Rubensi, Angelina Farina. (Para o ensaio geral d'esta opera, que se verificou em 10 de fevereiro, foram convidados os assignantes e a imprensa)

Manon, de Massenet, em 29 de fevereiro, em recita extraordinaria, por Hariclée Darclée, Bignardi, Santarelli, Zavner, Castigliani, Bayo (e depois Moretti), Blanchart, Modesti, Dadó, Dubois, Boscarini, Roiz.

La Traviata, de Verdi, em 3 de março, por Darclée, Castigliani, Bayo, Modesti, Blanquer, Dubois, Boscarini, Ghidotti.

Cavalleria rusticana, de Mascagni, em 9 de março, por Darclée (e depois Bonaplata), Zavner, Castigliani, Bayo, Modesti.

L'ebrea, de Halévy, em 18 de março, por Teresa Arkel, Bignardi, Verner, Modesti, Lanzoni, Dubois, Roiz, Ghidotti.

Na noite de 4 de janeiro de 1896, no fim do 2.º acto da opera *Africana*, houve, no theatro de S. Carlos, uma grande manifestação patriotica, por ter chegado, de Lourenço Marques, um telegramma do governador *Lança*, annunciando que o capitão Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque tinha aprisionado, em 28 de dezembro de 1895, em Chaimite, com 69 companheiros, o feroz regulo Gungunhana com seu filho Godide e tio Zixaxa, e 7 mulheres.

Logo que desceu o panno no fim do 2.º acto, o publico rompeu em grandes brados, pedindo o hymno da *carta*, que a orchestra logo executou, dando estrondosos vivas ao exercito, á marinha, á familia real, e ao capitão Mousinho.

Nas exequias do poeta João de Deus, que se verificaram na egreja da Estrella, em 15 de janeiro de 1896, cantaram o barytono Blanchart e baixo Dadó do theatro de S. Carlos. O enterro do celebre poeta foi uma manifestação grandiosa, em que tiveram o principal papel os estudantes de diversas escolas da capital e das provincias. O corpo de João de Deus foi depositado na egreja do mosteiro dos Jeronymos em Belem.

No dia 19 de janeiro de 1896, dia em que desembarcaram as tropas expedicionarias, de regresso de Lourenço Marques, depois de batido o regulo

Gungunhana, em Coollela e Majancaze, pelas forças commandadas pelo coronel Rodrigues Galhardo, houve á noite, no theatro de S. Carlos, no fim do 2.º acto dos *Huguenotes*, muitos vivas aos expedicionarios, e ás Magestades, que se achavam no seu camarote. A orchestra tocou trez vezes o hymno da Carta. El-Rei D. Carlos I deu vivas ao exercito e á marinha. N'esta mesma noite, nas cadeiras, junto á orchestra, como suplemento ao espectaculo e episodios da recita, um *dilettante* jogou o socco com um seu visinho.

Em 20 de janeiro, em acção de graças pela chegada das tropas expedicionarias de Lourenço Marques, houve um *Te-Deum* na egreja dos Jeronymos em Belem. O tenor Marconi cantou a *Ave Maria*, de Gounod, e o barytono Blanchart a aria de *Stradella*.

Na noite de 20 de janeiro, em homenagem aos expedicionarios houve, em S. Carlos recita extraordinaria de gala. Deu-se a opera *Africana*, de Meyerbeer. Foi o ministerio da guerra que fez a distribuição dos camarotes para esta recita.

N'esta recita de gala, dos camarotes de 1.ª ordem pendiam ricas colxas de seda da India. O theatro estava brilhantemente illuminado e ornamentado. Na tribuna estava a familia real com a sua côrte.

No fim do 2.º acto houve extraordinaria ovação ás forças expedicionarias, com muitos vivas ao rei, ás rainhas, ao commissario regio Antonio Ennes, coronel Galhardo, capitães Mousinho, Couceiro, tenente Miranda, e outros officiaes que entraram n'essa campanha d'Africa. Ennes e Galhardo agradeceram, da tribuna real onde se achavam, as ovações de que eram alvo. Alguns espectadores foram ás galerias e varandas, buscar soldados e marinheiros, e trouxeram-nos á plateia, onde foram acclamados com delirio. Um marinheiro levantou vivas aos *officiaes que lá ficaram a cumprir o seu dever*, sendo acolhidos com estrondosos applausos pelo publico.

No 3.º acto, na scena do navio, appareceram sobre o palco muitos expedicionarios, trazendo um soldado a bandeira portugueza, o que provocou muitos applausos.

A orchestra tocou repetidas vezes o hymno da Carta. Em um camarote de 1.ª ordem, Chaby Pinheiro recitou a poesia *Sursum côrda* de Lopes de Mendonça.

E' velho, e mau costume, o fazer o publico do theatro de S. Carlos, nas recitas de Carnaval, grande borburinho, tocando gaitinhas, cantarolando, atirando estalos, serpentinas, etc.; emfim perturbando o espectaculo, não deixando ouvir cantar e tocar os actores e a orchestra; mas d'esta vez, na segunda feira gorda, excederam-se os espectadores das varandas, pois atiraram prégos para a orchestra; muitos musicos tiveram medo e fugiram; o espectaculo parou; o publico rompeu em grande pateada. Por fim a empreza conseguiu que voltassem alguns musicos aos seus logares, e o espectaculo poude proseguir até ao fim.

Em terça feira de entrudo, 18 de fevereiro de 1896, em recita extraordinaria deu-se a opera *Rigoletto*, de Verdi, e depois houve baile de mascaras; tendo sido ornamentada a sala sob a direcção de Raphael Bordallo Pinheiro. O palco, ao fundo, representava uma cosinha com um enorme tacho e grandes retratos em caricatura do emprezario, de alguns *dilettanti*, bailarinas, etc.

Em 27 de fevereiro, em recita extraordinaria, e festa artistica do maestro Alfredo Keil, deu-se a opera *Irene*.

A dama Hariclée Darcleé, que, apesar de ser artista de merecimento, passára, na epocha anterior, rapidamente, e quasi desapercebida pela scena de S. Carlos, obteve n'esta epocha, grande exito, especialmente na *Traviata*, onde se revelou cantora com alma, e actriz elegante e intelligente.

Cantou Darclée em 7 recitas, que foram as seguintes:

1.ª (recita extraordinaria), com a opera *Manon*, de Massenet, em 29 de fevereiro de 1896.

2.ª (recita de assignatura), com a opera *Traviata*, de Verdi, em 3 de março.

3.ª (idem), com a opera *Manon*, em 5 de março.

4.ª (idem), idem, em 7 de março.

5.ª (recita extraordinaria, festa artistica de Darclée), em 9 de março; deu-se a opera *Cavalleria rusticana*, de Mascagni, o 1.º acto da *Traviata*, e o 5.º do *Fausto* (pela beneficiada).

6.ª (recita de assignatura), com a opera *Manon*, em 11 de março.

7.ª (recita extraordinaria, e despedida de Darclée), em 14 de março; deu-se a opera *Cavalleria rusticana*, e o 5.º acto do *Fausto*. A orchestra tocou as symphonias de *Semiramide*, de Rossini, e *Mignon*, de Ambroise Thomás.

Houve n'esta epocha uma serie de concertos pela orchestra, e pelo celebre violinista Sarrasate, que o publico de Lisboa já, alguns annos antes, tinha admirado e applaudido no Circo.

A empreza abriu assignatura para 3 concertos pelos seguintes preços:

	Por assignatura Total	Avulso por cada recita
Frizas	18$000	8$000
1.ª ordem	21$000	9$000
2.ª »	12$000	5$000
3.ª »	9$000	4$000
Torrinhas	6$000	3$000
Cadeiras	2$400	1$000
Galeria 1.ª fila	—	500
» 2.ª »	—	400
» 3.ª »	—	300
Varandas e entrada	—	200

Houve cinco concertos:

1.º Concerto, em 28 de fevereiro de 1896, tocaram: Sarrasate no violino, e Bertha Marx, no piano.

2.º, em 2 de março, idem.

3.º, em 6 de março, idem.

4.º, em 10 de março, festa artistica do violonista Sarrasate; tocou no piano Rey Collaço.

5.º Despedida de Sarrasate, em 16 de março.

Em 23 de março de 1896, em beneficio do camaroteiro Nery, deu-se a opera *Rigoletto*, de Verdi; cantou Bonaplata a romanza *Stella*, de Faure, e tocou no contrabaixo, o artista da orchestra, Italo Caimmi, uma *elegia*, e uma phantasia sobre a opera *Lucia*, de Bottesini.

Em 26 de março, festa artistica do maestro Goula, e despedida da companhia; deu-se a *Cavalleria rusticana*, de Mascagni, e o 1.º acto da *Irene*, de Keil.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XVII

Muitos e variados processos teem sido imaginados para se poder escrever em branco sobre as provas photographicas; no emtanto, a maior parte d'ellas apresentam mais ou menos inconvenientes que obstam um resultado satisfactorio.

Ultimamente, foi encontrado mais um outro processo que a practica aconselha como o melhor, para o mesmo fim.

Prepara-se o seguinte banho:

Iodeto de Potassio	2 gr. 5
Agua	7 c3.
Iode	0 gr. 25
Gomma arabica	0.25

Secco o papel, escrever-se-ha o que se pretender, do lado mais escuro tornando-se, no fim de algum tempo, as lettras amarelladas. Apenas estas attinjam uma côr amarella bastante intensa, immerge-se a prova n'um banho de fixagem que póde ser qualquer dos que hoje são empregados na practica, conservando a referida prova, n'esse banho durante cerca de tres minutos, submettendo-a em seguida a uma corrente de agua fria, de modo a lavar muito bem essa prova.

XVIII

Todos os dias se tem conhecimento de novos reveladores de chapas photographicas, os quaes veem desthronar aquelles que até então se tenham adoptado. A photographia progride incessantemente, tendo já hoje chegado a um grande estado de perfeição.

Occupar-nos-hemos hoje de mais um revelador, ultimamente imaginado, e indicado na conhecida revista americana *Nord Photographe*.

Consiste em preparar as seguintes soluções:

A	Agua	1:000 c3.
	Sulphito de soda	16 gr.
	Amidol	5 »
B	Agua	1:000 c3.
	Sulphito de soda	40 gr.
	Hydroquinone	10 »

Se tomarmos 16 c3. da solução A, 1 c3. da solução B, se á mistura lhe juntarmos 20 c3., e se mergulharmos a chapa n'este composto, a chapa revelar-se-ha rapidamente e com grande nitidez.

A. M.

UM SEGREDO DE MULHER

POR

Eugene Berthoud

VI

— E eu que a respeitava como a santa! murmurou rasgando a carta que escrevêra ao Gibson. Eu que dizia aos meus desejos que eram atrevidos porque lhe queriam tocar! Não devia o homem que ella amasse possuir todas as superioridades, todas as delicadezas?

Raul poz-se a rir como um selvagem.

— Pois ahi tens o escolhido, a phenix, o archetypo da honra e da dignidade moral! Ente abjecto, baixo, de que se envergonharia a menos escrupulosa das *grisettes*! De que lodo foi ella amassada para assim entregar-se nas mãos d'este miseravel?.. Poesia dos olhos, promessas d'um rosto, como em vós acreditar d'ora ávante?... Tão nobre physionomia é uma mentira, aquellas formas d'anjo occultam uma alma de lama!

E Raul ferrava os dentes no travesseiro para abafar os soluços.

Duas horas assim passaram, dois seculos durante os quaes Guérac arrancou cabellos e rasgou o seio. Porfim a porta do americano girou devagarinho nos gonzes.

Deu um pulo para a porta e olhou.

Madame de Logel deitou de fóra a adoravel cabecinha. Depois, não vendo ninguem, desceu a escada, leve como um passarinho.

Raul arrastou-se até á janella.

Viu a perfida ir-se embóra encostada á parede. Ai d'elle!... os modos, a vivacidade, os movimentos de andorinha, tudo demonstrava a alegria da mulher em seu intimo feliz.

E assim desappareceu á esquina d'uma rua proxima, onde a esperava a carruagem de praça que a trouxera.

....

Raul deixou Paris no dia seguinte.

Não o fez sem angustias mortaes. Quantas vozes misteriosas o chamavam! quantos nós invisiveis teve de cortar! Mas cortou-os, tapou os ouvidos, batalhou valentemente, e sahiu vencedor de si mesmo.

— Vamos! Nada de cobardias! disse comsigo. Não me hei de rebaixar até ser rival do sr. Gibson. Este amor é vergonhoso, que o leve o diabo e dê logar ao despreso!

Durante um anno andou pela Suissa, pela Allemanha, pela Italia, semeando oiro, procurando aventuras, amando, rindo, cantando e exprimendo a vida como quem expreme uma laranja para lhe extrahir todo o prazer e o esquecimento.

Quem o visse tão precisado de agitação, n'uma alegria ruidosa, cuidaria que arrebentava de contentamento; mas em sitio algum se demorava; chegava como uma tromba, ia-se embora como um furacão; por toda a parte mergulhava de cabeça para baixo na torrente das intrigas vulgares. Vinte vezes lhe aconteceu jurar á primeira que encontrou um amor eterno, e oito dias depois perguntava a si mesmo:

— Mas onde tenho eu os olhos? Porque havia de gostar d'esta mulher?

Pasmado ficaria elle, se alguem lhe respondesse:

— Porque, com razão ou sem ella, alguma parecença lhe achou com madame de Sogel.

E fugia para longe. A saudade, tarantula encarniçada, ferroava n'elle sem tregua.

Quando deu cabo de metade do que tinha e de tres quartas partes da saude, cuidou que estaria curado.

Voltou para França estafado, gasto, alquebrado, mas escondendo o cançasso com bons ditos alegres. A ironia é mascara das almas feridas. Sentiu-o e evocou mil maneiras de entontecer: duellos, ceias, jogatinas furiosas, apostas excentricas, ligações faladas disputaram-lhe as horas e a razão; tornou-se o menino bonito da moda, o heroe das chronicas hebdomadarias. Mas quê! o excesso de gloria não lhe subiu á cabeça, e até quando conseguia fazer do coração uma ruina, n'essa mesma ruina lhe apparecia um fantasma: a imagem de Aurelia.

Porfim, um dia, passando em frente do hotel do Mississipi, entrou machinalmente e perguntou pelo sr. Gibson. Porque? Nem o saberia dizer. Talvez pensasse em levar o americano a uma provocação, porque o odio contra esse homem crescêra-lhe na proporção do seu amor a madame de Logel.

Disseram-lhe que o sr. Gibson, atormentado com as perseguições de que se via alvo por parte

EDUARDO PRADO

FALLECIDO EM 30 DE AGOSTO DE 1901

da policia, refugiara-se em Inglaterra e nunca mais apparecêra.

Haveria ruptura? Estaria Aurelia livre?

Esta informação produziu em Raul um effeito desastroso; acordaram-lhe de novo esperanças, foi-se-lhe de todo a coragem. Logo o diabo aproveitou o accesso de fraqueza, pondo Guérac uma bella tarde de primavera no caminho da seductora viuva. Reviu-a linda, sorridente, elegantissima. Ficou prompto.

Logo no dia seguinte poz-se Raul a fazer sentinella na rua Saint-Honoré.

— Estou perdido! dizia o infeliz. Não se passam oito dias que eu não faça asneira. O melhor é irmos para a frente do perigo! Para ter amado um Gibson é preciso que esta mulher, sob as mais suaves apparencias, esconda gostos villissimos e baixissimos instinctos. Quer o ella queira quer não, vou estudal-a, convencer-me da sua depravação. E, se, uma vez convencido, o despreso não me der cabo do amor, sou um cobarde e far-me-hei justiça.

VII

No dia seguinte, madame de Logel abriu uma carta do theor seguinte:

«Minha sr.ª

Um homem que o acaso fez senhor d'um segredo, que muito a compromette, desejaria dar-lhe um conselho de summa importancia. Por isso lhe pede, por seu proprio interesse, queira conceder-lhe uns instantes de conversação.»

Lendo taes phrases, madame de Logel ficou não só offendida, mas intrigada.

— Já alguma vez decifrei umas garatujas parecidas, murmurou. Quem lhe deu este bilhete, Mariette?

A criada sorriu-se.

— A senhora não adivinha? Foi o sr. Raul.

— E quem é o sr. Raul?

— Aquelle trigueiro bonito... do anno passado.

— Quem?

— A sentinella sempre vigilante aqui debaixo das janellas.

— O quê? O mesmo ainda?

— O mesmo sempre.

— E foi elle que lhe disse o nome?

— E a morada.

— Rara impertinencia! Julguei que havia desistido.

— Quiz. Viajou. Mas não viu remedio.

— Foi elle que lh'o disse?

— Não, minha sr.ª. Mas é coisa que salta aos olhos. Sem o ar da rua Saint Honoré passa mal. Está tão mudado, tão abatido!

— Que até precisa divertir-se á minha custa. Olhe, Mariette, sabe que mais vou-me por uma vez ver livre d'esse sujeito e das suas tramoias de vaudeville.

— Então a sr.ª não acredita...

— No tal segredo compromettedor! Não, com certeza, disse Aurelia rindo com desafogo. Pois eu tenho segredos?

— Quem sabe?

— Quem sabe!

— Ha lá mulher que não tenha pelo menos um! um segredosinho, pequenino como a cabeça d'um alfinete. Eu cá, no logar da sr.ª, sempre me havia de assustar. Um segredo! Não é coisa que se deixe assim nas mãos...

— Menina Mariette!

— Minha sr.ª?

— Quer ter a delicadeza de me poupar ás suas maximas inconvenientes?

— Pois sim, minha sr.ª, e vou já...

— Onde?

— Dizer ao tal descobridor de segredos que nós cá não somos curiosas.

— Pois elle está ahi?

— Em carne e osso!

— Que desfaçatez!

— Foi o que eu lhe disse, minha sr.ª.

— Espera talvez a resposta.

— Com uma paciencia d'anjo.

Madame de Sogel poz-se a scismar.

Não vamos jurar que nunca ella tinha olhado para Raul, que as mulheres teem olhos na nuca; não pomos a mão no fogo asseverando que nunca notára a distincção e aquella melancolia que lhe ficava a matar; não apostamos a cabeça dizendo que lhe desagradára sobremaneira tal tenacidade na paixão.

Mas a audacia de Raul fôra desmedida. Decidiu fazer-lh'a caro pagar.

— Mande entrar esse senhor, disse resolutamente.

A criadinha muito pasmada riu-se disfarçadamente, desappareceu e voltou annunciando:

— O sr. Guérac de la Tournière de Fombreuse.

Não faltava desplante a Raul; armado com o terrivel segredo, promettera a si mesmo falar e proceder como quem póde; entretanto no limiar d'aquella sala tão ardentemente sonhada, ennevoaram-se-lhe os olhos.

(Continúa).

NECROLOGIA

EDUARDO PRADO

No dia 1 do corrente os jornaes da manhã publicavam a seguinte carta que lhes fora dirigida pelo illustre litterato que a subscreve:

«*Sr. redactor:* — Julgo dever communicar a v. que, por telegramma recebido hoje do Brazil, acabo de saber que falleceu na cidade de S. Paulo, hontem, 30 d'agosto, victima da febre amarella, o insigne escriptor, meu muito prezado amigo, Eduardo Prado.

Pela rara elevação do seu talento, pela sua profunda e vastissima erudição, pela graça tão flexivel da sua penna, pela elegancia das suas maneiras, pela nobreza do seu trato, pela finura do seu gosto subtilizado na convivencia de longas e successivas viagens através de todo o globo, Eduardo Prado tinha seguramente um dos mais indiscutidos e mais eminentes logares entre os primeiros intellectuaes do seu tempo.

Tendo vivido, já como diplomata, já como «touriste», em New-York, em Washington, em Londres, em Paris, em Roma, em Florença, em Berlim, em Madrid, Lisboa era para elle a cidade predilecta, em que a amizade lhe fazia encontrar a carinhosa e familiar doçura de uma segunda patria.

Rogo lhe, sr. redactor, que queira tornar publica a noticia que lhe transmitto, fim de que possam em Portugal prestar hoje á memoria de Eduardo Prado o saudoso tributo das suas lagrimas todos aquelles que como eu o conheceram e o amaram. — Lisboa, 31 d'agosto de 1901. — De V. muito affectuosamente agradecido, *Ramalho Ortigão.*»

N'um artigo de Eça de Queiroz, publicado ha dois annos, a respeito de Eduardo Prado, a quem o notavel estylista conhecera de perto e muito apreciava, resaltam estes topicos:

O patriotismo predomina em todos os livros de Eduardo Prado; e a sua penna foi muitas vezes guiada, como arma de combate, contra o jacobinismo politico e o fanatismo positivista.

O seu estylo é transparente secco, quasi nú, sem roupagens roçagantes e bordadas que lhe embaracem a carreira. Sempre animado por um impeto elastico, o seu estylo não tem mollezas nem tendencias para o devaneio. Os seus periodos não teem a harmonia, a suavidade que os gregos tanto apreciavam; e isso pela razão de que todos os seus livros são guerras e elle proprio um guerrilheiro.

O seu mais captivante dom era o espirito da sociabilidade; e é sobretudo por esse dom que elle deixou vivas saudades entre aquelles que o trataram e prezaram.

Eduardo Prado ainda nos principios do corrente anno estivera em Lisboa. Aqui, como de costume, visitou alguns archivos particulares, colhendo notas de papeis interessantes para a historia da antiga capitania de São Paulo.

Muito mais havia a esperar dos seus estudos, mas a terrivel febre amarella não poupou o illustre escriptor brazileiro, arrebatando-o no vigor da vida, pois que Eduardo Prado era ainda moço.

Lastimando tão grande perda, registamos com muito pezar o fallecimento do distincto brazileiro, tão querido no seu paiz como em toda a parte onde eram conhecidos os primores do seu caracter e do seu trato.

Eduardo Prado era socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e tinha a commenda da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico.